

09-09-2021

SUPERAÇÃO TAMBÉM É CAPACITISMO

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos
Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

Eu tinha uns quatro meses de vida quando minhas avós constataram que eu nascera cego. Afinal, um bebê daquela idade já tinha que levantar o pescoço para mirar os lúdicos objetos que vibravam, brilhavam e tilintavam à sua frente. Eu, nada. Cego de nascença. Minhas avós prenunciaram o seco diagnóstico oftalmológico, que veio com a promessa de cara cura. Sigo cego, mas não por desídia da ciência.

Foram exames inumeráveis, gotas oceânicas de preciosos colírios, experimentos insondáveis. Até óculos eu usei.

Mas logo notei, criança visionária, que com zero de visão não havia correção possível: joguei fora os óculos, que jamais foram encontrados. Crente na ciência, mas também devota de credos menos ortodoxos, minha família recorreu à cura pela fé. E como o pretenso curado era eu, ter fé cabia a mim. Homenzinho de pouca fé, falhei retumbantemente. Entre os cinco e os seis anos, amarguei a culpa e o medo do inferno. Na igreja, com minha avó, mulher de fé, eu cantava: “Deus mandou / A cura divina / Pra tirar minha alma da ruína”. E como a cura não vinha, minha alma seguia na ruína. E a culpa era minha, claro.

Onde é que já se viu uma criança sem fé?

Acontece - e esse é um segredo nosso, caro leitor, confidente leitora -, acontece, eu dizia, que o problema teológico de então era outro: eu não compreendia do que queriam me curar. Minha avó até tentava me explicar com a história bíblica de um tal de Bartimeu, um cego que Jesus curou em Jericó. Pequeno-burguês, eu achava aquele Bartimeu muito antipático. Negócio de andar por aí pedindo dinheiro e compaixão... Meu pai me recomendava que eu nunca pedisse nada a ninguém.

Metido a detetive, resolvi investigar pessoalmente essa história de cura. Naquela época, minha mãe me colocou por vários dias pra dormir mais cedo, umas sete da noite, pra receber a visita de um tal espírito chamado Dr. Fritz.

O cara era muito abusado. Além de me obrigar a dormir mais cedo, me fez parar de comer carne por dois meses. Injuriado com as privações, um dia eu não dormi.

Esperei a assombração por horas, e ele nada.

Nem fui curado, nem nunca soube do que queriam me curar. Descobri que era cego quando minha prima, um ou dois anos mais velha, foi matriculada na escola. Insisti tanto pra ir junto que minha mãe me levou pra conversar com a diretora. Ela foi mais polida que o ministro-pastor do Mackenzie: disse que lá não se ensinava braile, e que eu não podia ser aluno ouvinte. Não entendi muito bem, porque todo mundo dizia que eu ouvia até demais...

Em casa, longe de todos, minha prima disse que eu ia ficar burro. “Pois agora eu vou é pro inferno”, pensei e fiz. Xinguei nome feio, quebrei brinquedos, mandei amigos pra casa do ô. Fiz do telefone, que eu usava prodigamente, meu único e fiel confidente. Fiz amigos adultos e distantes, e quase quebrei meu pai, um modesto funcionário do Banco do Brasil. No ano seguinte meus pais se mudaram para a capital e, aos sete anos, entrei na “escola especial”.

Lá, os amigos e os livros me acalmaram por um tempo.

Mas o internato, à noite, parecia uma prisão.

E os professores falavam do mundo lá fora, e tudo que eu queria era o mundo lá fora... Saí do internato antes do tempo. Na escola regular, fui muito atrapalhado pela falta do que hoje chamamos de estrutura de apoio. (no meu caso, livros em braile, transcrição de provas etc.).

Mas a convivência com os colegas deu tão certo que, no primeiro ano do ensino médio, alguns deles até aprenderam o braile para trocarmos informações sobre o conteúdo de algumas avaliações. Cola inclusiva! Entre a leitura e a militância, fui descobrindo que a deficiência é marcada por vários modelos de abordagem e de opressão.

Os médicos que me fizeram de cobaia não estavam tão distantes dos religiosos que prometiam me curar.

Nenhum deles admitia - como ainda hoje pouco se admite - que uma pessoa com deficiência possa viver plenamente com essa característica. Tanto o modelo religioso (aliás agora revigorado) quanto o modelo biomédico atribuem a deficiência ao indivíduo. Seja pela falta de fé, ou carma, ou qualquer outra explicação mágica, seja pela falta de sorte genética, a abordagem de ambos os modelos é a da deficiência como tragédia pessoal. Já o discurso da superação, que ganha relevo em toda paraolimpíada mas começa a perder força, é a outra face da velha moeda da deficiência centrada no indivíduo. Se não foi possível curar a deficiência, é preciso converter seu “portador” em exemplo, em herói solitário, superando, como um super-homem, todas as suas barreiras. Tenho respeitáveis companheiros de movimento que dizem que o lugar de herói é melhor que o lugar de coitado. Faz sentido: o lugar simbólico de campeão paraolímpico que supera barreiras é melhor do que o lugar simbólico do cego Bartimeu.

A questão de fundo é que a deficiência é uma opressão e uma construção social. O impedimento de longo prazo (cegueira, surdez etc.) que, somado às barreiras do ambiente (físicas, atitudinais, digitais...), gera restrição de participação, jamais pode ser superado pelo indivíduo solitariamente, sem a participação da sociedade.

Sedentário, valorizo à exaustão o esforço e a disciplina dos atletas paraolímpicos, campeões ou não. Mas o fato de eles estarem lá é resultado de muitas conquistas coletivas de milhares de pessoas com deficiência gerações afora.

A cada barreira não superada, mas enfrentada - da falta de rampas para cadeirantes à falta de livros para cegos, ou da Libras para surdos -, nasce a oportunidade para um possível campeão paraolímpico.

continua

<p>E é a partir de cada uma dessas oportunidades que ele poderá, com disciplina e esforço, vencer.</p> <p>Ou competir, porque ninguém precisa ser campeão em tudo.</p> <p>O discurso da superação é o do “faça você mesmo”, com notas de crueldade que não custa ilustrar. É como deixar um cadeirante em frente a uma escada e dizer: “agora suba”.</p> <p>É como dar o “Grande sertão: veredas” a um cego, em versão convencional, e dizer: “agora leia”.</p> <p>É como admitir um surdo num curso de medicina, não garantir intérpretes de Libras, e dizer: “Agora aprenda”.</p> <p>Quando digo que a superação é a outra face da moeda do coitadismo em relação às pessoas com deficiência, isso tem a ver com o espírito do tempo. Pela sua característica de lesão ou de falta, a deficiência faz com que o dito “normal” se veja no outro “anormal”. Tanto a abordagem religiosa quanto a biomédica prometiam a esses ditos “corpos anormais”, sem nunca entregar, a cura. Isso porque o corpo dito “normal” não suportava ver aquela falta, tampouco se ver na condição de pessoa com deficiência.</p>	<p>Já o modelo de superação requer campeões em tudo.</p> <p>O indivíduo padrão, dono do “corpo normal”, continua a negar a deficiência, mas agora pela via de um heroísmo mágico e solitário. Com isso, ele se exime de qualquer responsabilidade, mesmo que indireta, pelas barreiras do ambiente, que restringem - e em alguns casos impedem - a participação social das pessoas com deficiência.</p> <p>Do ponto de vista político, se a direita sofre de um capacitismo cruel, curandeiro e caritativo, a esquerda em geral dá de ombros a esse debate.</p> <p>Não é à toa que, nas palavras da ativista com deficiência Lia Crespo, também nos movimentos sociais de esquerda as pessoas com deficiência seguem sendo o etcetera.</p> <p>.....</p> <p>Já eu e meus companheiros seguimos taciturnos, mas de esquerda. E em paga do muito que aprendemos com ela, vamos ensinar a ela a enfrentar o capacitismo, mas sem superação. ■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	